

Formação x informação: o problema das teorias na formação do pesquisador

Vera Stella Teles

Até onde o conhecimento teórico contribui para a formação de um psicanalista? As teorias ajudam a ver, mas também funcionam como obstáculo ao conhecimento. Charcot: "*La théorie, c'est bon, mais ça n'empêche pas d'exister*".

Fala-se em *formação* - na prática essa palavra tende a designar, na maior parte das vezes, *informação*; o *in* inicial parece bastante revelador... Colocar algo *dentro* não é formar, mas justamente, in-formar - dois fenômenos suficientemente diferentes para requererem designações específicas.

Ocorre que esse problema não se limita a palavras. De fato há uma prática efetiva, informando ao invés de formar. E precisamente em uma disciplina onde os conhecimentos são ainda excessivamente precários para termos, a pretensão de que o informar tenha um caráter formador.

Em nossa experiência de ensino¹, constatamos a

todo momento o quanto as informações obstaculizam e impedem a *observação* - e falamos aqui da simples observação de fenômenos digamos "visíveis" (comportamento do objeto de estudo). Imagine-se a extensão do problema quando tal "observação" pretende alcançar níveis do "invisível" (por exemplo, o inconsciente segundo as teorias psicanalíticas).

A abordagem científica do objeto começa pela observação do objeto - é aqui que a problemática

Vera Stella Teles é psicóloga, mestre em filosofia, professora do Instituto de Psicologia da USP.

formação x informação pode ser avaliada: quanto mais informação (sem a devida formação), menos o pesquisador pode *ver*. É condição imprescindível para de fato observar-se um objeto desconhecido que não saibamos de antemão o que ele "é". Lembrando as idéias hegelianas², o mesmo tipo de crítica pode fazer-se à escolha prévia do método de abordagem do fenômeno a ser pesquisado. Literalmente falando, quanto mais "sabemos", menos vemos.

Escolhemos o modelo visual como propício para a descrição, não somente no sentido metafórico, mas também porque, possivelmente, ele poderia explicitar a própria organização de nossos sistemas perceptivos. Aliás, parece-nos óbvio que o funcionamento de tais sistemas deva ser claramente definido para que qualquer teoria científica a respeito do *como* e o *que* conhecemos possa vir a estabelecer-se.

A organização visual de um estímulo é feita em termos de figura e fundo (vemos claramente tal configuração nos casos de figuras reversíveis estudadas pela psicologia da percepção). Nesses casos-limite, dependendo do ponto de vista "escolhido", vê-se determinado objeto como "figura" em detrimento do outro, que aparece como "fundo" - não há possibilidade de ver-se os dois simultaneamente; a reversibilidade entre eles mostra que ver um (como figura) processa-se às *expensas* de não ver-se o outro (como fundo). Tal reversibilidade demonstra o trabalho do sujeito que observa, não sendo portanto própria do objeto real externo. No contato com tal objeto externo real, organiza-se uma estruturação da qual, e por causa do que, vai surgir uma determinada visão em lugar de outra - ou vice-versa. Tal reversibilidade *necessária* indica que não pode haver um ponto de vista que tudo abarque simultaneamente. Não existe um olhar que não esteja *localizado*, que não proceda de um determinado ângulo - um olhar que

alcançasse tudo necessariamente não poderia estar localizado em lugar nenhum, seria portanto um "olhar absoluto". Isto significa que faz parte do "ver-conhecer" o localizar-se, porém tal condição inclui a decorrência de que sempre tal "ver-conhecer" seja parcial (a não ser que tenhamos vocação para deuses). Assim sendo, aquilo do qual podemos nos aproximar, localizados que estamos dentro de nossas estruturas perceptivas típicas, faz-se sobre um fundo de ignorância necessária. Precisamente devido a essa típica organização dos estímulos, a única esperança de um certo "saber"

onde um "fundo" *ignorado* permite a ilusão de uma "figura" principal. Se as teorias não forem então tomadas pelo que na realidade são - simples e provisórios pontos de vista - acreditamos que qualquer dos possíveis pontos de vista nos permite a apreensão do objeto "real", tenderemos a tomar meras hipóteses de trabalho como verdadeiras descrições e explicações do objeto.

É precisamente devido à possibilidade de tais riscos que entendemos que a formação deve ter prioridade sobre a informação. Quando a informação ganha sentido de formação, o que se verifica é o estabe-

Não existe olhar que não proceda de um determinado ângulo - um olhar que alcançasse tudo não estaria localizado em lugar nenhum.

residiria na possibilidade teórica e prática da maior mobilidade possível de trocar de pontos de vista. Quanto maior a flexibilidade e possibilidade de conceber outros ângulos de visão, mais partes deste "todo" poderiam vir a ser apreendidas.

As teorias apresentam-se como particulares ângulos de visão no estudo do objeto de conhecimento. Elas encaminham nosso olhar, balizam nossa visão para uma determinada face do fenômeno, e por isso mesmo enquadram, armam o problema de um determinado modo, dependente do qual surgirá o possível sentido. Literalmente, elas recortam objetos segundo um desenho que, uma vez organizado, monta uma particular estrutura

de uma expectativa que estamos atingindo a "verdade", estamos tendo "posse" do objeto, e não que apenas - na melhor das hipóteses - estamos apenas aflorando um algo que *momentaneamente* é uma teoria-figura sobre um "fundo" de possibilidades insuspeitadas. Neste tipo de concepção de "saber" não ocorre a possibilidade de outras teorias-figuras emergirem. Assim sendo, toda teoria com vocação para o absoluto enrijece a necessária relatividade do ponto de vista que ela de fato é; mantendo a ilusão de "posse", dispensa todo processo de validação ou negação científica desse ponto de vista. Esquece-se a característica essencial do trabalho da ciência, onde o único tipo de hipótese que aporta algum saber

“seguro” é aquele que o experimento nega como verdadeiro (em ciência não se prova a veracidade de uma hipótese. Ela procede por negações de hipóteses, não por sua confirmação³).

Uma tal postura vai acarretar outros procedimentos que afastam a possibilidade da observação do objeto. Se uma primeira teoria, mesmo que tenha surgido dos dados de observação, não for compreendida quanto à relatividade de sua natureza, e portanto puder ser modificada ou trocada por outras mais pertinentes no momento, poderá ser mantida, negando-se as evidências observacionais (estas as desclassifi-

sua fundamentação científica, sofrem desse tipo de vício ou dessa ilusão ingênu⁵. Desde seus primórdios, procurou-se manter uma “pureza” de princípios baseada muito mais na crença que na realidade dos fenômenos; ignorou-se sistematicamente durante sua história as modificações e transformações pertencentes a outras áreas (psicologia e neurologia, por exemplo), que serviriam de alicerces às suas concepções teóricas. Com mais motivos ainda, não se pensou nas descobertas científicas de ciências afins - como ficam por exemplo, as concepções sobre a senso-percepção do recém-nascido das teorias tradicionais,

te feitas há mais ou menos 20 anos⁷. Somente agora, em geral muito timidamente e entre poucos analistas, aparecem repercussões dessas novidades! Mesmo dentro de seu próprio universo, as abordagens teórico-clínicas que vão surgindo na psicanálise têm sua amplitude e caráter revolucionário reduzidos, atenuados, pela necessidade de serem englobados, amarrados ao corpo teórico tradicional (veja-se as peripécias dos primeiros analistas na época de Freud, as rupturas violentas (e até fatídicas), com as idéias *diferentes*. Lembramos o quanto tiveram de ser distorcidas as idéias de Klein para que pudessem “caber” no status quo da instituição psicanalítica; mais recentemente, o quanto Bion teve de esperar por algum reconhecimento, quando o que dizia podia, a nosso ver, ter impulsionado a psicanálise em direções que permitissem uma sua tradução científica. Ele, por sua vez, tendo de ser agora “amarrado” pelos conceitos kleinianos (ironia total!)⁸.

Alguns psicanalistas na atualidade clamam por uma nova leitura do objeto psicanalítico, exigem um apoio experimental para seus conceitos, não se conformam com as teorias vigentes - muitas das quais *comprovadamente* ultrapassadas, nas suas respectivas ciências⁹. Temos por exemplo um Daniel Stern tentando amparar-se na psicologia - ou mais precisamente na perceptologia moderna - e declarando-se um desenvolvimentista¹⁰: aparentemente tentando criar uma cientificidade onde ela não existe. Um Imbasciati propondo uma leitura semântica-representacional dos próprios conceitos-chave da psicanálise, e a nosso ver, ultrapassando-a, apesar do subtítulo de um de seus livros ser: “por uma *psicanálise* dos processos cognitivos”¹¹.

De qualquer modo, delinea-se na atualidade a tentativa de uma linguagem nova e uma possibilidade de leitura revolucionária na pesquisa dos fenômenos mentais. No

O que as teorias psicanalíticas fizeram com as descobertas de Piaget, que poderiam validar os aportes kleinianos no nível da cognição?

cariam) e construindo-se “decorrências” teóricas que se distanciam cada vez mais do objeto pesquisado⁴. A tendência natural desse tipo de procedimento será a construção de sistemas fechados que se auto-explicam e regulam, e onde cada vez menos a observação do objeto de estudo poderá entrar com finalidades corretivas. A “validação” se fará pela criação de novas teorias condizentes com a primeira. O sagrado estabelece-se no cerne do “conhecimento”, que adquire assim a respectiva conseqüência de intocável; qualquer dúvida sobre a palavra dos “mestres” é vista como uma heresia imperdoável, o diferente, uma ameaça em potencial.

É nossa idéia que as teorias psicanalíticas, pensadas quanto à

frente às descobertas modernas nessa área? É possível sustentar certos pontos de vista teóricos, frente aos conhecimentos atuais sobre o desenvolvimento intelectual da criança? (Absolutamente necessário, a nosso ver, para ter-se qualquer idéia da forma com a qual ela, nas diferentes idades, concebe e dá sentido às suas experiências). O que, por exemplo, as teorias psicanalíticas fizeram com as descobertas de Piaget (que poderiam validar e esclarecer em nível de cognição os aportes kleinianos, e dispensar teorias insustentáveis (ante tais descobertas) constituídas fora do contexto observacional do fenômeno)?⁶. As pesquisas experimentais sobre a senso-percepção do feto e do recém-nascido são sistematicamen-

referente àqueles autores a que pudemos ter acesso, em nosso meio temos o trabalho de Laertes Moura Ferrão¹² que veio de encontro a antigas preocupações pessoais, e que nos abriu horizontes de possibilidades que não nos teriam ocorrido sem essa visão criativa. No âmbito dos trabalhos teóricos, a obra de Imbasciati trouxe-nos o sentido e a organização em linguagem nova e coerente daquilo que a observação proposta pelo trabalho de e com Ferrão nos ofereceu na prática. Cremos que as idéias de Imbasciati possam ser, no momento, fundamentais e esclarecedoras no sentido de "resolver" os problemas levantados nesse artigo. Mas por que exatamente esse autor?

Imbasciati apresenta ampla fundamentação epistemológica, psicológica e psicanalítica. Sua crítica, portanto, transita por toda a problemática levantada no início do trabalho. Em segundo lugar, a tradução em termos cognitivistas modernos que sua leitura dos fenômenos mentais proporcionou concilia as observações psicanalíticas com as contribuições recentes de disciplinas e ciências que podem fundamentá-las - o que impedia tal conciliação era a necessidade da manutenção do edifício teórico fechado da psicanálise, construído sobre noções cientificamente ultrapassadas. Como decorrência, encontramos nesse autor uma possibilidade concreta, efetiva, de fazer com que as observações aportadas pela psicanálise possam ser religadas à ciência psicológica, e com isso retomar uma fundamentação científica (baseada em *observação* mais do que em teorias apriorísticas). Se a leitura dos fenômenos não se prende mais ao sistema tradicional das teorias psicanalíticas, nada mais impede que as novas descobertas (dentro e fora da psicanálise) sejam levadas em conta. Com isso a abertura para contínuas reformulações teóricas fica instalada (pelo menos teoricamente), e digamos a negati-

vidade pode voltar a ser o motor benéfico das transformações e do crescimento.

Além disso, esse autor coloca e resolve o problema da psicanálise não apresentar uma teoria da aprendizagem. Tal falta é uma lacuna séria numa teoria que se propõe a descrever o desenvolvimento mental, e até a intervir no mesmo com finalidade de modificação (tem uma prática terapêutica). Demonstrando o fato de poder traduzir todo o *continuum* do desenvolvimento mental em termos de representação, Imbasciati preenche tal lacuna e torna teoricamente compreensível -

plicação da reação, será uma consequência direta - ela procede das próprias características da estruturação vigente no momento. Esta, a nosso ver, a vantagem de uma descrição e pesquisa cognitiva do fenômeno no estágio atual dos conhecimentos sobre o aparato mental.

Vejamos o caminho percorrido por Imbasciati. Baseando-se nos conhecimentos modernos das teorias cognitivistas da senso-percepção precoce, da etologia, etc., ele começa por anular a tradicional (e não justificada) dicotomia afeto x cognição¹³. Aponta serem os afetos um certo modo de conhecer, uma vez

A vantagem de uma descrição cognitiva do fenômeno é que o sentido da reação a uma experiência passa a proceder das características estruturadoras da própria experiência.

sem recorrer a teorias prontas - a passagem do sensório ao mental, dos primeiros objetos primitivos à percepção adequada aos objetos externos reais. Enfim, cremos ser sua teoria - baseada nas descobertas da perceptologia, neurologia, psicologia moderna e da etologia - uma perspectiva que permite uma visão do conjunto do aparato mental a partir de suas *reais possibilidades* de funcionamento (observáveis); com ela, pode-se acompanhar o processo de desenvolvimento explicitando-se e definindo-se segundo as próprias características das estruturas que entram na configuração das experiências. Se o enfoque for feito a partir da percepção das características de tais estruturas estruturadoras da experiência, o *sentido*, a ex-

que servem à adaptação, respondem aos estímulos, desempenhando assim um papel funcional de cognição¹⁴. Tal compreensão da cognição vai permitir-lhe, estudando as características do objeto interno primário da psicanálise, traduzir o afeto e tais objetos em termos representacionais¹⁵. Com essa leitura do problema, Imbasciati pode postular um *continuum* que vai desde os objetos primitivos desvinculados da realidade até a percepção do adulto, adaptada à mesma. Através da noção de *protorepresentação*, representada pelos objetos internos primários, o autor mostra que, apesar deles serem totalmente diferentes dos objetos externos, é *com eles* que o bebê tem a oportunidade de *se representar* o mundo, a si mesmo

e aos outros, e portanto, eles possuem uma função de representação primeira. Têm assim uma função cognitiva e podem ser considerados como pólo primitivo de um desenvolvimento que tem, na percepção do adulto ajustada à realidade, seu pólo mais evoluído. Tal evolução, partindo dos objetos internos primários "bizarros", far-se-á gradualmente (segundo estruturas cada vez mais apropriadas à adaptação, à realidade) conforme vão sendo ajustadas aos objetos externos reais.

Assim, vinculando os afetos à representação e portanto à cognição, Imbasciati introduz a possibilidade de tomar o funcionamento dos processos mentais como uma uni-

experiência, temos modos diferentes de ver e entender os estímulos aferentes, e conseqüentemente temos sentidos diferentes, e, *como não poderia deixar de ser, afetos diferentes*. Conforme a compreensão de um dado, segundo o sentido fornecido ao fato, aparece a reação afetiva correspondente. A cognição sempre inclui o aspecto afetivo *necessariamente*, se pensarmos nela como a mais alta forma de adaptação: exatamente na medida do *como* compreendemos, reagimos. Os afetos então seriam a possibilidade de mobilização, e portanto de reação, ao que e como foi entendido o fenômeno.

A partir de uma longa discussão

Vejamos a título de exemplo como pôde realizar-se tal versão.

Esse modo de compreender os fenômenos mentais fundamenta-se na observação da estrutura que *pôde* ocorrer, segundo a variedade e diferença dos aferentes que entram em jogo na percepção, de acordo com determinada etapa do desenvolvimento humano. Assim, o autor vai interpretar a formação dos objetos internos primários - tipicamente diferente daquela que permite o surgimento da percepção dos objetos internos ligados ao real externo - como uma *conseqüência direta* do tipo de mente que o bebê tem à sua disposição para iniciar sua adaptação ao mundo. Para o recém-nascido, por exemplo, a "idéia" do seio - ou melhor, a protoidéia do seio - está fundamentada primordialmente no tipo de aferentes através dos quais lhe chegam as informações. Segundo o momento do desenvolvimento neurológico, por exemplo, (mielinização incipiente, para dar uma das características), os estímulos orais (língua, lábios, etc), alguns proprioceptivos e cenestésicos (passagem do leite e alojamento deste no seu interior), predominam sobre os aferentes visuais e tácteis (primordiais na configuração da mesma idéia de seio para uma criança de um ano). Igualmente estão ausentes as possibilidades de diferenciação do interno e externo - com isso, a própria sensação de fome pode vir a fazer parte da caracterização do objeto-seio (a ponto de um bebê de dois meses e meio não reconhecê-lo se não tiver fome, diferentemente da criança de um ano, que pode fazê-lo sem esse referencial). Daí ser natural que tais objetos internos nada tenham a ver com a realidade do objeto externo. O conjunto das informações, segundo o tipo de aferente possível, forma algo que deriva da especificidade de tal conjunto. Assim sendo, o mesmo objeto para nós, adultos, pode ser interpretado como totalmente diferente, se algumas dessas

Os afetos têm uma função cognitiva: eles são o polo primitivo de um desenvolvimento que chega até a percepção adulta, ajustada à realidade.

dade, eliminando a necessidade de introduzir teorias externas para explicar por um lado o procedimento dos afetos, e por outro as transformações da cognição (as teorias psicanalíticas tendem a usar um para explicar o outro, sem poderem defini-los de per si). Deslocando a ênfase genealógica dos afetos para a cognição (não como *redução*, mas como face do *mesmo* processo), torna desnecessária qualquer outra teoria para explicar sua dinâmica (cientificamente mais simples, e portanto mais "correta"), a não ser a que pode ser extraída do próprio processo de desenvolvimento (dado observacional) : conforme o arranjo permitido pelas estruturas cognitivas vigentes no momento da

baseada em modernas pesquisas e concepções científicas, que lhe permitiu compreender a cognição desvinculada de sua dissociação com o afeto, Imbasciati faz um verdadeiro exercício crítico, a nosso ver *atuando* as possíveis explicações para os fenômenos observados pela psicanálise, viezadamente interpretadas segundo a vertente afetiva. Em sua última obra, *O Objeto e suas Vicissitudes* (1993), o autor literalmente delinea uma tradução dos conceitos teóricos da psicanálise em termos cognitivos, apresentando um modo mais simples e coerente de interpretar o observado - podendo assim, a nosso ver, tornar clara e assumida a tendência nesse sentido já esboçada em Money Kyrle e Bion.

informações “necessárias” não estiverem presentes. Coerentemente, então, Imbasciati vai poder definir os objetos internos primários como não-integrados (conseqüência do aparato sensorial disponível), ao invés de explicar sua fragmentação por cisão (note-se a incongruência de tal concepção - ela procede da *nossa* visão adulta de um objeto total). Interpretar como cisão significa a obrigatoriedade de introduzir explicação para tal cisão - abre-se nesse momento o caminho para a invenção de teorias. “O que para um adulto é “sem sentido” pode não sê-lo para um bebê : neste enquadramento falamos de percepção alucinada. Este termo é porém frequentemente usado com conotação de um *minus*, e não como indicação de uma maneira de descobrir. Isto... dá uma idéia do quanto pode ser complexo penetrar em um mundo cujas *leis perceptivas e semânticas* são totalmente diferentes daquelas dos adultos...”

No adulto, a estrutura da mente humana conservou, no nível inconsciente (no sentido de *não* ser consciente), todo o seu funcionamento mais primitivo: conservou também tais objetos internos. Na pessoa normal, a conservação deste mundo interno primitivo está porém subordinada à constituição de uma estrutura funcional mais evoluída, que nos permite a assim chamada vida de relação da idade adulta. O psicótico é uma pessoa na qual a integração do modo de funcionamento primitivo, infantil, com o modo de funcionamento adulto teve uma direção totalmente diversa; devido a isso, quando tratamos um psicótico, devemos levar em conta este mundo infantil.”¹⁶

O mesmo tipo de tradução pode ser feita em relação à chamada posição depressiva de Melanie Klein - a essência de tal mudança estaria no sentimento de perda (luto para Klein). Imbasciati coloca o problema em termos de percepção do engano - tal sentimento pode ser

compreendido numa vertente cognitiva como protótipo do reconhecimento do erro. O mesmo pode ser dito com respeito à reparação dos objetos “estragados” pela fragmentação esquizóide. Esse conceito foi entendido até agora no seu aspecto afetivo, mais que cognitivo, de “reconstrução de objetos internos, de modo que estes se tornam mais adequados para representar objetos reais, ou melhor, tornam-se símbolos mais adequados para a cognição da realidade. *Reparar* é entendido como o reparar de um objeto quebrado: com efeito, o funcionamento mental esquizóide dá uma percep-

sinais da realidade externa segundo aquilo que são, ou organizá-los em representações de objetos adequados aos objetos reais... A reparação é então concebida em termos representacionais como reparação de uma função organizadora dos aférentes, de tal modo que a sua organização permita aquelas representações que servem para a percepção real, à relação, à interação, e não mais somente às alucinações. Gratidão ou reconhecimento quer dizer então, em termos representacionais, possibilidade de reconhecer os objetos pelo que são (e então de amá-los), já que podem

Explicar os objetos primários pela cisão é atribuir à mente do bebê a percepção adulta de um objeto total - eles são, propriamente, não-integrados.

ção do mundo fragmentada com relação à percepção adequada à interação com ele; fragmenta o próprio ego segundo Klein, ou melhor, fragmenta o próprio funcionamento mental...” e continua: “Ao lado da descrição afetiva podemos então colocar uma descrição representacional: esta estará centrada essencialmente na conquista de uma diferente capacidade de compor os aférentes sensoriais, até poder reuni-los em conjuntos mais adequados ao real, ou até permitir, não alucinações, mas a percepção entendida no sentido adulto de adequação ao real. “Objeto total” significa dizer que o bebê, quando sabe que o objeto que lhe falta é um objeto bom e não um fantasma mau, está em condições de perceber os

der percebidos corretamente.. Cessa então o estado alucinatório e inicia-se a possibilidade de conhecer realisticamente o mundo... Reconhecimento do que pertence a nós e do que ao outro quer dizer o fim do narcisismo, e significa também o sentido da própria separação e do próprio limite. A situação persecutiva é sempre aparentada com o sentido de infinitude dos próprios limites e com o desejo onipotente megalomaníaco. Ainda neste caso, os movimentos afetivos mostram uma outra face: aquela das operações cognitivas”¹⁷.

Estes são alguns exemplos significativos de uma visão diferente sobre os fenômenos mentais, que, a nosso ver, permite separar o observável do teórico (ultrapassado,

construído em bases pouco ou nada objetivas, ou concebido em sistemas intocáveis pela crítica) - em psicanálise. A novidade desta postulação está em que, pela sua própria forma (observação das estruturas que permite aquele decorrente sentido), ela evita e prescinde de um corpo teórico já existente, que para dizer o mínimo, é suspeito e pouco confiável, se pretendemos um fundamento e pesquisa científicos de tais fenômenos.

Muitas vezes, argumenta-se que apesar de tudo a psicanálise funciona na prática! Usa-se tal prática funcional para validar as teorias - quando devia ser o contrário. Essas teorias são tão discutíveis com relação à prática efetiva da psicanálise, que hoje em dia fala-se em *psicanálises* mais do que *na* psicanálise, e se compararmos realmente o trabalho dos psicanalistas, veremos que pouco têm em comum com o que a teoria explica sobre ele. Aparentemente, isto significa que a condição para seu funcionamento foi sua prática ter-se deixado corrigir pela realidade do trabalho terapêutico. Por outro lado, tal prática não é compreendida pela teoria que deveria explicitá-la e explicá-la. Assim, quando um psicanalista tem de "explicar" o sucesso ou fracasso de sua prática, ele o faz segundo as teorias prontas do sistema psicanalítico, que pouco ou nada têm a ver com o trabalho único que ele faz com aquele paciente específico. Se há algum objeto de conhecimento onde é impossível teorizar aprioristicamente (pelo menos no estágio atual de seu desenvolvimento), é precisamente o estudo dos fenômenos mentais.

Com isso, perde-se justamente a oportunidade da prática fazer as teorias mudarem, e desse modo impede-se ao processo do estudo realizar-se em direções mais condizentes com a ciência. Repetem-se explicações rançosas, e quando ocorre de tais explicações teóricas mudarem um pouco, o modo de

introdução das mudanças parece fazer-se mais dentro de moldes típicos dos fenômenos de moda do que implicar uma verdadeira crítica da teoria anterior. Funcionam como enxertos literalmente grudados artificialmente numa árvore secular. Não mudam em nada, epistemologicamente falando, o corpo doutrinário básico.

É nesse sentido que vemos a problemática da formação do pesquisador dos fenômenos mentais. Seria imprescindível que tal pesquisador pudesse estar convenientemente preparado para perceber e poder fazer revisões críticas conti-

Repetem-se
explicações rançosas,
e, quando mudam
um pouco, a
mudança é mais de
moda do que de
crítica verdadeira.

nua de sua prática efetiva. Para isso, não basta a informação - ao contrário, ela é perigosa sem a devida formação. Acreditamos que tal pesquisador devesse ter, antes das informações (ou concomitantemente a elas), a possibilidade de avaliar o que está fazendo, o como o faz, e o valor teórico do que pensa sobre o que sua prática lhe proporciona. Se essa formação fosse viável, cremos que o perigo das teorias obstaculizarem a pesquisa seria perfeitamente contornável, e, ao contrário, elas poderiam retomar um papel precioso de sínteses provisórias sobre o

observado, abrindo assim novas e criativas hipóteses, e conseqüentemente repondo em movimento uma lamentável estagnação.

NOTAS

1. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo - cadeiras de Técnica Projetiva (TAT) e supervisão de psicoterapia, para 4º e 5º anos respectivamente.
2. Hegel - *La Phénoménologie de L'Esprit* - Introdução.
3. Popper, K.: *Conjecturas e Refutações*, Ed. Universidade de Brasília 1972 p. 66.
4. Imbasciati, A. : *L'Objeto e le Sue Vicissitudini*, Milão, Teda Edit. - 1993 - p. 26, 27.
5. Op. cit. p. 21, 23.
6. Op. cit. p. 45 - 48.
7. *L'Aube des Sens* - Les Cahiers du Nouveau-Né nº4, - Paris, Stock.
8. Op. cit. pg. 21, 22.
9. Imbasciati, A - *Affeto e Rappresentazione*, Franco Angeli, ed. - 1991 - p. 20-22.
10. Stern, D. - *Le Monde Interpersonnel du Nourrison*, Paris, PUF, 1989.
11. Imbasciati, A - *Il Protomentale: Psicanalisti dello sviluppo cognitivo nel primo anno del bambino*. Milo, Boringhieri, 1981. Antonio Imbasciati é professor de Psicanálise na Faculdade de Medicina e Cirurgia da Universidade de Brescia, Itália.
12. Ferrão, L.M. - Seminários Clínicos.
13. Imbasciati, A - *Affeto e Rappresentazione*. Os afetos so a forma de cognição nas crianças pequenas e nos animais. Cf. p. 25: "O afeto é um esquema funcional, operativo da mente que serve à adaptação e portanto à cognição, que representa a direção mais evoluída da adaptação". Franco Angeli ed - 1991 pg. 21.
14. O termo cognição assim compreendido passa a incluir os afetos. Aliás o "afeto é a forma primitiva da cognição". Op. cit. p. 25.
15. Pensando nos objetos internos primários dentro da teoria kleiniana, Imbasciati observa que eles "são descritos em relação aos afetos, mas não como Freud concebia os afetos... mas concebendo-os como fantasia, ou em termos *representacionais*". *L'Objeto e le sue Vicissitudini* p. 40. - Lembra que apesar de Klein afirmar serem os objetos primários totalmente diferentes dos objetos externos reais, quando ela os descreve o faz em termos representacionais.
16. Imbasciati, A - *L'Objeto e le sue Vicissitudini* - p. 47-48
17. Op. cit. pg. 56-60.